



# **A N A I S**

**do I Simpósio de Professôres de  
História do Ensino Superior em 1961**

**MARÍLIA  
1962**

**I SIMPÓSIO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA  
DO ENSINO SUPERIOR**

(15 A 20 DE OUTUBRO DE 1961)

Promovido pela Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Marília, instituto  
isolado de ensino superior do Govêrno  
do Estado de São Paulo.

**MARÍLIA**

1962

## 1. — RELATÓRIO DO TEMA

Vamos abordar o assunto que nos foi proposto da seguinte maneira:

- I — A atual estrutura da Cadeira de História Antiga e Medieval.
- II — O ensino de História Antiga e Medieval.
- III — O seminário de História.
- IV — A especialização em História Antiga e Medieval.
- V — O professor de História.

### **I — A atual estrutura da Cadeira de História Antiga e Medieval.**

Examinamos êsse aspecto do assunto que nos coube relatar neste Simpósio do ângulo da nossa Faculdade (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), mas pensamos que a evolução do currículo da Secção de História foi mais ou menos a mesma em tôdas as Faculdades de Filosofia, pelo menos nas mais antigas.

Fundada a nossa Escola em 1934 o ensino da História ficou confinado a apenas uma Cadeira: a de História Geral da Civilização. Em 1939 essa Cadeira foi desdobrada em 2 outras e em 1942 tomaram elas os seus nomes atuais: de História da Civilização Antiga e Medieval e História da Civilização Moderna e Contemporânea.

Em 1942 essa divisão e denominação parecia perfeitamente justa e não deixou de ser um progresso. Mas agora não mais se pode compreender o ensino da História Antiga ligado ao da História Medieval numa mesma cadeira.

A História Antiga está atualmente tomando um aspecto dinâmico com a aplicação de técnicas novas em arqueologia e

com o aumento do número dos sítios explorados. As recentes escavações e explorações no vale do rio Indus, China, Mesopotâmia, Egito, Mar Morto e ainda recentemente a decifração dos lineares cretenses pelo arquiteto Ventris, revolucionaram tôda a História Antiga e tornaram obsoletas excelentes compêndios tidos até então como insuperáveis.

Por outro lado a História Medieval, apartando-se da História Antiga, adquiriu grande impulso com novos arquivos abertos à pesquisa e principalmente com a intensa microfilmagem de documentos e de códices inéditos em pontos os mais remotos possíveis da terra, como por exemplo os mosteiros do Monte Sinai, atualmente com os seus tesouros conhecidos e microfilmados. A Paleografia também tomou um desenvolvimento extraordinário e hoje não mais se justifica a sua ausência de um currículo de História, mesmo que seja sob a forma de opção.

Com êsse desenvolvimento dos estudos medievais, principalmente os refrentes às instituições jurídicas, sociais, econômicas e religiosas, podemos ver que teria sido muito mais acertado se os nossos legisladores tivessem posto a História Medieval juntamente com a História Moderna numa só cadeira. Isso, aliás, já foi feito por algumas de nossas Faculdades. Idade Média se apresentaria, pois, como um preâmbulo do estudo da História do Novo Mundo.

A atual organização justificava-se em 1942, mas hoje está completamente de passada. Por isso propomos a êste Simpósio que se manifeste favoravelmente à divisão da atual Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval em duas cadeiras ou disciplinas autônomas, assim como propomos o deslocamento da História Medieval da 1a. para a 2a. série do atual currículo, sendo assim ministrada juntamente com a História Moderna, se bem que em duas cadeiras ou disciplinas diferentes.

## **II — O ensino da História Antiga e Medieval.**

O atual ensino de História deve ser dinamizado e somos partidários convictos do desenvolvimento ao máximo dos se-

minários, sem acabar, é claro, com as costumeiras preleções. Reputamos essencial para a reforma preconizada do ensino da História a ênfase que se der aos trabalhos práticos, muito mais mesmo que o acréscimo de novas matérias auxiliares ao atual currículo. Portanto, mais seminários e menos preleções.

Também propomos que se reduzam o número de aulas de Antropologia e Etnografia e que se suprima de vez o Tupí-Guaraní, ou que seja reduzido a um mero estudo de toponímia no máximo. Propomos também que os programas dessas matérias sejam revistos pelo Departamento de História para evitar que seus professôres, reunindo alunos das Secções de Ciências Sociais, Geografia e História, dêem um curso comum que não interessa os nossos estudantes, evitando-se principalmente repetição de ensinamentos em Antropologia e Etnografia. Consideramos essas matérias como auxiliares da História e o aluno que por elas tiver especial interêsse, poderá intensificar os seus estudos escolhendo-as como matérias optativas no seu curso básico e ir ainda mais adiante no curso de especialização. Muito mais necessário reputamos o acréscimo ao atual currículo, mesmo que sob a forma de matéria optativa, de cursos sôbre História da Arte, Arqueologia, Epigrafia, Pré-História para a História Antiga e Paleografia, Latim, Instituições Ibéricas para a História Medieval.

### III — O seminário de História.

Os atuais seminários limitam-se apenas, na sua grande maioria a meras explicações de textos, quando podiam ser muito mais desenvolvidos.

Como exemplo do que afirmamos, citamos o caso do Prof. Michel Mollat, professor de História Medieval na Sorbonne que aqui entre nós deu excelentes aulas de seminário: através do estudo de gravuras de banqueiros medievais flamengos fêz uma revisão completa da História Econômica da Idade Média.

Também o Prof. Aroldo de Azevedo fêz com os seus alunos de Geografia um estudo regional sob todos os aspectos do vale do São Francisco, e com tôda a bibliografia existente no

seu Departamento sôbre o assunto, cada aluno tomou um aspecto de um programa prèviamente estabelecido. Depois de muitos debates, o professor e os alunos elaboraram uma memória a mais completa possível sôbre o assunto proposto.

Além dessas modalidades, que podem ser classificadas como de trabalhos práticos, sugerimos um tipo de seminário assistido pelo nosso assistente Dr. Pedro Moacir Campos em Heidelberg: um curso de Seminário inteiramente dedicado a Carlos Magno, com tôda a bibliografia existente nessa Universidade. Cada aluno encarregou-se de um aspecto do problema proposto. Assim, todos os ângulos do longo reinado de Carlos Magno foram examinados: conseqüências do restabelecimento do Império no Ocidente, as suas capitulares versando assuntos políticos, econômicos, sociais e religiosos. No fim do curso elaborou-se uma monografia geral sôbre o período carolíngio e sua importância na História Medieval. Êsse é o verdadeiro seminário, que nos esforçamos por introduzir na nossa Ca-deira: um labor de equipe, de formação e de familiarização dos alunos com a bibliografia especializada e as novas técnicas do trabalho histórico.

#### **IV — A especialização em História Antiga e Medieval.**

Pensamos que a especialização em História Antiga, como em História Medieval, pode ser feita no Brasil. Ê difícil mas não impossível.

Os atuais cursos de especialização (post-graduação) devem ser estruturados sôbre novas bases. Assim, preconizamos cursos de especialização separados dos cursos básicos e pelo menos em dois anos, como um verdadeiro preâmbulo ao doutoramento.

No atual currículo existente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, os alunos já fazem várias matérias optativas: uma na 2.<sup>a</sup> outra na 3.<sup>a</sup> série, bem como duas opções obrigatórias na 4.<sup>a</sup> série. Essas opções

tôdas já indicam uma tendência à especialização futura do aluno.

Mas está sendo cometido um êrro: uma escolaridade excessiva com provas semestrais prejudica muito quando seria muito melhor exigir dos alunos do curso de especialização a elaboração de monografias de que tanto precisamos, sob a orientação do professor.

Também julgamos imprescindível aos que quiseram se especializar um estágio em centros mais adiantados do que os nossos. Assim, aos que terminassem a especialização em História Antiga, muito teriam que lucrar se fizessem cursos em Roma, Atenas ou Cairo ou ainda em museus como o Louvre ou British Museum. Os especialistas em Idade Média podiam estagiar nos centros de estudos medievais de Poitiers ou Spoleto ou ainda em Institutos especializados da Península Ibérica.

Como país pobre e mal apetrechado, o Brasil não poderá manter cursos de especialização da mesma matéria em tôdas as suas Faculdades de Filosofia. Assim, propomos que as Faculdades organizem em um "pool", mantenham um acôrdo, de tal maneira que cada uma possa organizar e organizar bem um ou dois cursos de especialização e aceitar alunos e professôres das outras escolas como bolsistas. Sòmente assim poderemos organizar centros de estudos realmente razoáveis, com a competente bibliografia, tão difícil de se obter entre nós, mesmo com o auxílio dos microfilmes e das micro-fichas.

#### V — O professor de História.

Somos francamente favoráveis ao tempo integral, à dedicação plena dos professôres às suas especialidades. Não podemos mesmo compreender — sòmente as necessidades econômicas poderiam justificar que professôres possam ministrar aulas de sua especialidade em diversas Faculdades, com uma sobrecarga enorme de trabalho. O ideal seria que também os alunos pudessem participar dêsse regime de trabalho.

Com a federalização crescente das nossas Faculdades, pensamos que não seria difícil obtermos esse regime de trabalho para todos os professores e mesmo as Faculdades particulares pôr em tempo integral algumas de suas seções, precisamente aquelas que estivessem melhor aparelhadas.

Com esse regime de trabalho de dedicação plena aos alunos e às pesquisas, os professores que não produzissem deveriam ser afastados, deveriam ser devidamente “arquivados” no funcionalismo, mas não no ensino. Nestas condições, nos manifestamos frontalmente contrários ao “mandarinato” de certos professores que nada produzem e não deixam os seus assistentes produzirem.

Esse é o nosso ponto de vista.

**Eurípedes Simões de Paula.**  
da Faculdade de Filosofia, Ciências  
e Letras da Universidade de São Paulo

## **2. EXPOSIÇÕES DOS SIMPOSISTAS**

### **1. Professor Paulo Pereira de Castro — SP.**

Referindo-se à separação da História Antiga e Medieval proposta pelo Professor Eurípedes, sugere, por razões metodológicas, uma nova divisão da História: a História Antiga prolongando-se até Carlos Magno; a Medieval abrangendo de Carlos Magno à Revolução Francesa.

### **2. Professor Guy de Hollanda — GB.**

Não vê possibilidade de manter, no currículo atual, o mesmo grau de desenvolvimento para o estudo de todas as épocas da História, pois não vê a possibilidade de dominar o aluno as línguas clássicas necessárias para o estudo da História Antiga e Medieval. Pergunta se o seminário sobre Carlos Magno poderia ir além das fontes secundárias ou primárias traduzidas. O Fato de que o aluno não domina as línguas clássicas torna impossível, atualmente, fazer o estudo da História Antiga.



Segundo o seu parecer a especialização deve ser feita em 2 anos, após 4 anos de curso formativo. Pergunta se o aluno pode ingressar no curso de especialização sem o conhecimento do latim e do grego.

**3. Professor Carl Laga — SP.**

Segundo o Professor Altheim o pensamento Histórico só é possível como História Universal. A História tende à universalidade. O melhoramento do estudo da História Geral vai trazer o aperfeiçoamento do estudo da História do Brasil e da América. O estudo da História Geral e nesta, o das Civilizações Antigas, deveria ser aprimorado o mais possível. Não procede o argumento de que na América não existe interêsse pela Antiguidade: as suas experiências de professor são precisamente contrárias.

**4. Professor Francisco José Calasans Falcon — GB.**

Após ter elogiado a consideração com que o Professor Eurípedes apresentou a sua exposição, pergunta em que consiste essa maior proximidade do espírito da História Medieval em relação à História Moderna, pois trata-se de duas entidades diferentes.

No estudo da História Moderna verifica-se uma grande tendência para a relação com as demais ciências sociais, o que não se dá com o estudo da História Medieval.

Sobre o chamado excesso de Antropologia no curso de História, pergunta o professor de quem é a culpa, se isso se verificar — do professor ou do aluno?

Impõe-se estudar Economia e Geografia Política no curso de História.

Sendo o curso da Faculdade constituído por 4 anos que devem ser de formação, acha estranho, a formação do aluno que durante um ano estuda apenas, digamos, Carlos Magno. A realidade brasileira exige sobretudo a formação de professôres secundários.

Entrando no assunto da especialização, o professor acha estranha uma formação de especialista em um ano só. Ela con-

duzirá, ao seu ver, a formar somente autodidatas. A consequência disso é que há alunos que chegam ao colégio de aplicação e só então descobrem que existe uma História Geral. Dela só conhecem alguns tópicos.

Concede que se deva estudar a História das Instituições, mas acrescenta que a ênfase deve ser dada à História Econômica e Social, indispensável ao professor de História.

Quanto ao tempo integral, acha que é uma necessidade não só para o professor como também para o aluno... Entretanto, mesmo sem o tempo integral o professor pode produzir.

**5. Professor Hamilton Leite — MG.**

Acentua que o Professor Eurípedes fala baseado em sua experiência pessoal e por isso as suas afirmações devem merecer cuidada consideração. Acha oportuno o exame do problema da divisão da cadeira de História Antiga e Medieval. Trata-se, sem dúvida, de duas cadeiras, de dois métodos e dois espíritos. A situação presente não corresponde à realidade didática atual.

Por outro lado, torna-se indispensável na sua opinião, o aperfeiçoamento dos professores. Não basta apenas produzir, mas produzir bem e isto não se torna possível sem a criação de duas cadeiras separadas.

O tempo integral torna-se urgente e imperioso. Além disso, a especialização em História Antiga e Medieval requer bolsas de estudo para professores de História. A má vontade dos poderes públicos, ref. a este ponto apoia-se numa dúvida sobre o valor científico da História. Entretanto a História permanece na cúpula das ciências sociais.

**6. Professor Eduardo d'Oliveira França — SP.**

Discorda inteiramente da ligação da História Medieval à Moderna, pois isto criaria problemas até para os professores.

A diferenciação das Cadeiras segundo períodos pode ser superada pela criação de várias cadeiras de História, sem ulterior especificação dentro do Departamento. Anualmente, proceder-se-ia à distribuição dos cursos de História entre os professores do Departamento. Parece que o maior número possível de cadeiras especializadas resultará mais produtora.

**7. Professor Othelo S. Laurent — RS.**

Dá o seu acôrdo ao Professor Eurípedes. Refere a grande responsabilidade que tem o Simpósio de orientar para soluções que devem se atentamente estudadas. Considera ainda que estas, mesmo sendo ideais, devem ser viáveis na realidade nacional e ter em vista, como principal objetivo, a eficiência do ensino de História.

Considera de grande interêsse a sugestão do Professor Eurípedes, quanto à redução das aulas prelecionadas em favor da ampliação dos seminários. É também de opinião que a didática seja distribuída ao longo do curso, a partir do 2.º ano.

Há, porém, um problema que não podemos evitar, acha o professor. E' o fato de muitos alunos já trabalharem, no fim dos estudos. Uma solução que não levasse em conta êsse fato, não seria nem justa, nem objetiva.

**8. Professôra Olga Pantaleão.**

Não lhe parece indicado ligar a História Medieval com a Moderna.

Quanto à proporção de seminário e preleções, insiste a professora no equilíbrio que deve existir entre as duas formas, sendo imprudente diminuir demasiado o número as preleções porque se sente necessidade de mais seminários.

No tocante à especialização, lembra a professora a necessidade que há de contatos dos alunos com os arquivos; e termina advertindo que a História Geral é necessária até para a História do Brasil, que sem ela tornan-se-ia limitada e provinciana.

**9. Professôra Emília Tereza Álvares Ribeiro — GB.**

Após ter louvado a exposição do Professor Eurípedes e dos colegas que o precederam, aborda o problema da divisão da cadeira de História Antiga e Medieval. Ela foi processada na Faculdade do Rio de Janeiro em duas disciplinas. Porém, insiste que a História Medieval se converta em cadeira. Embora não negue a ligação a História Antiga e Medieval, a História Medieval difere suficientemente da História da Antigüidade para se justificar tal separação.

Mas a História Medieval difere também da Idade Moderna, embora não seja considerada, muitas vezes, sua personalidade própria.

### 3. RESPOSTAS AS EXPOSIÇÕES

O relator tentará, primeiro, responder em conjunto a vários colegas que lhe fizeram observações e críticas relacionadas entre si.

Frisa que, falando em “seminários”, é de toda utilidade distinguir dois tipos: seminários para alunos do curso de formação e seminários para pós-graduados. Nestes últimos é que a necessidade de conhecer as línguas originais dos textos é maior, como é também grande a de estudar por si mesmo.

Acrescenta que, a seu ver, um currículo bom seria o de quatro anos de “formação” (e não três apenas) e, para os que o quiserem, dois anos de especialização.

#### **Ao Professor Paulo Pereira de Castro**

Acha pouco exequível o estudo da Idade Média em dois períodos diferentes.

#### **Ao Professor Guy de Hollanda**

(Veja a resposta em conjunto, sobre seminários e conhecimento de línguas antigas).

#### **Ao Professor Francisco José Calasans Falcon**

Refere ao Professor Falcon que também ele não quer que se una a História Medieval à Moderna, somente afirma a maior proximidade de ambas.

Quanto ao problema da Antropologia, há sem dúvida abusos. Professores de Antropologia e História Econômica, às vezes, sobrecarregam os alunos de aulas e seminários, quando o aluno teria necessidade, até, de um dia livre para permanecer mais demoradamente na Biblioteca.

Acêrca do Seminário sobre Carlos Magno, o relator esclarece que não se tratava de estudar a pessoa de Carlos Magno,

mas a sua época e que, a propósito do tema, houve oportunidade para abordar amplos períodos da História.

Concorda com que se deva dar ênfase à História do Brasil, porém, integrando-a na História Geral. O estudo da Idade Média conduz à Idade Moderna e, portanto, impõe-se que seja cuidadosamente feito.

Refere ainda que o tempo integral diz respeito sobretudo ao professor. Entretanto, o aluno que tenha disponibilidade poderá cumpri-lo, seria o ideal.

#### **Ao Professor Hamilton Leite**

“Reforçando” a opinião do professor, o relator aconselha que se insista com a C.A.P.E.S. até que ali venham a compreender a importância do aperfeiçoamento dos estudos históricos.

#### **Ao Professor Eduardo d’Oliveira França**

Manifesta-se o relator favorável à opinião do Professor França à cerca da multiplicação dos cursos em substituição da cátedra única para cada período da História.

#### **Ao Professor Othelo S. Laurent**

Sem negar a dificuldade, oriunda dos trabalhos dos alunos fora da Universidade, reafirma o relator que o aluno deve contribuir nos seminários. Para êstes alunos, aliás, o tempo integral seria o ideal.

#### **À Professôra Olga Pantaleão**

Sem querer exagerar de um lado ou de outro, o relator afirma que, é durante o seminário que êle tem visto o aluno interessar-se pelo documento e apreender tôda a sua importância. Um pouco mais de seminário, então, formaria melhor. Apresenta como exemplo o estudo do Vale São Francisco feito por Aroldo de Azevedo e seus alunos em seminários. Anui com a professôra, quando a mesma insiste na necessidade dos contatos com os arquivos.

#### 4. ÚLTIMAS INTERVENÇÕES (1)

##### I — O PROBLEMA DO DESDOBRAMENTO DAS CADEIRAS

###### **Professor Guy de Hollanda**

O professor relaciona o problema com exigências de reformulação mais ampla do currículos dos Cursos de História, que deveriam perder sua rigidez e relativa uniformidade para definir-se após um ano introdutório comum, em três direções:

- 1 — a do Mundo Antigo;
- 2 — a do Mundo Medieval;
- 3 — a do Mundo Moderno.

Observar-se-á, naturalmente, um quadro de disciplinas diferente para cada uma das direções propostas, diversificando-se as matérias auxiliares correspondentes.

###### **Professôra Emília Tereza Álvares Ribeiro**

Concordando com o desdobramento, opina que, se não pudermos realizar duas Cadeiras separadas, o que a professôra prefere, realizemos pelo menos disciplinas separadas, pois não podemos esperar a completa separação do corpo docente. Na seriação dos dois cursos, aliás, não podemos esquecer o fato de que, para compreender a História Medieval, supõe-se já um conhecimento anterior da História Antiga.

###### **Professor Michel Mollat**

(Veja-se a exposição do Catedrático da Sorbonne, no fim desta secção).

###### **Professor Eduardo d'Oliveira França**

Não vê a necessidade de se criar uma Cadeira separada de História Medieval, tendo em vista que cursos, planejados den-

---

(1) — As réplicas (duração de três minutos) vêm classificadas por assunto, conforme indicamos na introdução. No resumo desta seção, porém, faz-se uma exceção no caso do Professor Michel Mollat, da Sorbonne, em razão do tempo maior que lhe foi concedido pela casa e em vista do fato que o referido professor esteve na impossibilidade de assistir às demais sessões.

tro do Departamento, podem completar o que fôr necessário. Assim sendo, limitar-se-ão também os problemas relativos ao pessoal docente especializado.

### **Professôra Maria Yedda Leite Linhares**

Estabelecendo que é preciso, em primeiro lugar, analisar o fim e os meios, para fazermos a dosagem necessária das matérias, a professôra chega à conclusão de que êsse problema pode ser resolvido dentro do Departamento, de comum acôrdo; porém, com a condição de equipará-los às nossas necessidades sociais, nacionais e regionais.

## **II — PROBLEMAS DA PERIODIZAÇÃO HISTÓRICA**

### **Professôra Cecília Maria Westphalen**

Em sua opinião a solução do problema conceitual da periodização histórica é o resultado de uma posição filosófica. Sugere que se encare a reformação do currículo e periodização da História em acôrdo com o pensamento de nosso tempo.

### **Professor Padre Carlos Weiss**

Segundo o professor, há abandonar-se a divisão em História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, por anacrônica. As designações não correspondem à realidade, porque a História é contínua. Melhor seria focalizar “círculos culturais”, Civilização Ocidental etc.. Propõe também uma possibilidade de opção, dentro dos Seminários dos diversos cursos, lembrando o exemplo da Universidade de Bonn, onde o aluno escolhe, no comêço do ano, os Seminários que pretende seguir.

### **Professôra Emília Tereza Alvares Ribeiro**

Instiste na personalidade própria que tem a Idade Média, especialmente tratando-se das Civilizações Ocidental e Muçulmana.

### **Professor Paulo Pereira de Castro**

Atesta seu acôrdo com os Professôres Mollat e Weiss, a respeito da ligação dos períodos históricos.

**Professor Eduardo d'Oliveira França**

Acha desnecessárias as discussões sobre o assunto, já que os cursos arquitetados dentro do Departamento, na medida das necessidades, resolvem esses problemas e são suficientes para formar o aluno.

**III — PROBLEMAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL**

**Professora Sônia Aparecida Siqueira**

Defende, para o curso de especialização, a orientação do treinamento de pesquisa. Se o aluno, mesmo que se destine ao professorado secundário, não receber uma certa formação técnica, será inapto a resolver um novo problema que surgir, mais tarde e, além disso seria diminuir o próprio caráter universitário.

**Professora Cecília Maria Westphalen**

Insiste que o importante não é História-matéria, mas o treinamento em métodos e técnicas.

**Professor Francisco José Calasans Falcon**

Tendo em vista as realidades brasileiras, sobretudo a necessidade de se formarem professores, acha que a especialização em História Antiga e Medieval deve vir depois dos quatro anos de formação, em dois anos. Discorda, então, das opiniões dos colegas Maria da Conceição Martins Ribeiro, Amélia Americano F. Domingues de Castro, Cecília Maria Westphalen e Sônia Aparecida Siqueira.

**Professor Michel Mollat**

(Veja-se no fim desta seção).

**IV — PROBLEMAS PROFISSIONAIS E DIDATICOS**

**Professora Maria da Conceição Martins Ribeiro**

Lembra que a C.A.P.E.S. na prática, não concede bolsas a historiadores, porque, visivelmente, não acredita no valor da História, como tal.



Lamenta também que o curso de Pedagogia possa dar diploma válido para lecionar a História no curso secundário.

Em face disso, a professora afirma que se deve exigir: a História para os historiadores.

Ligando a isso a opinião de vários colegas que se declararam favoráveis ao maior entrosamento das Ciências Sociais, Antropologia, etc., pondera a professora que aceita isso somente quanto às conclusões dessas Ciências, excluindo seus próprios métodos.

### **Professora Cecília Maria Westphalen**

Lamenta a indiferença manifestada pelos órgãos administrativos, com referência à História.

### **Professora Amélia Americano F. Domingues de Castro**

Do ponto de vista da Didática, constata que esta recorre ao método de pesquisa para melhor fundamentar o método do ensino. Se o método nos seminários ou exercícios fôr prático e moderno, êle, por sua vez, tornará mais fácil a própria didática. Há, desta maneira, uma verdadeira convergência entre o que o relator preconiza e o que se espera dos cursos da Didática.

Ainda baseando-se na sua experiência na Didática Especial, e citando o caso de alunos que, no quarto ano, vêm afirmando que “nunca tiveram curso sobre o assunto que agora têm de expor, no exercícios de Didática”, insiste a professora em que é mais importante o aluno ter adquirido um método, do que ter visto a matéria. Conclui que os cursos monográficos não são condenáveis, em si, no seu ponto de vista.

### **Professor Paulo Pereira de Castro**

Lembra o professor que, as dificuldades inerentes ao conhecimento insuficiente das línguas antigas, podem ser vencidas por meio de boas traduções e pelos recursos das Cadeiras de Línguas Antigas. Afirma que a experiência mostra que excelentes resultados podem ser obtidos, dessa maneira.

### **Professor Nilo Garcia**

Partindo da constatação de que o Simpósio se empenha para o aprimoramento do currículo e dos métodos de Ensino

da História, adverte que se tenham em vista as condições médias desse ensino, no Brasil, para não fugirmos à realidade nacional.

**Professor Eduardo d'Oliveira França**

Concorda com a proposta de diluir a Didática dentro do curso de História, somente se essa Didática fôr dada pelos professores de História. Do contrário, vai-se desequilibrar o trabalho dos alunos.

**Professor Michel Mollat**

(Veja-se no fim desta seção).

V — PROBLEMA DO LUGAR DA ANTROPOLOGIA E  
DEMAIS CIÊNCIAS SOCIAIS

**Professôra Emília Tereza Álvares Ribeiro**

Opina a professôra que a Antropologia é necessária sobretudo para dar umas definições fundamentais, de que o historiador tem necessidade, tais como raça, cultura etc.. Lamenta a confusão que se constata nos livros, a êsse respeito.

**Professôra Cecília Maria Westphalen**

Lamenta o isolamento da História ante as Ciências Humanas e reclama para ela maior entrosamento com as Ciências Sociais.

**Professor Francisco José Calasans Falcon**

Insiste em que a chamada ditadura dos professores de Antropologia e Ciências Sociais não existe, uma vez que, dentro do próprio Departamento, essas dificuldades podem ser resolvidas.

Acrescenta, terminando, que, na sua opinião, precisamos sobretudo dos métodos das Ciências Sociais, Antropologia etc..

VI — EXPOSIÇÃO DO PROFESSOR MICHEL MOLLAT

Comenta o Professor Mollat que nenhum Medievalista estaria de acôrdo com a fusão da História Antiga e Medieval em

uma só cadeira. A autonomia dos estudos medievais impõe-se, inclusive para os países do Novo Mundo, que precisam conhecer a História Medieval Ocidental, fonte comum para os povos dos dois lados do Atlântico. A Idade Média prolonga-se para além do Século XVII. Estudam-se sobrevivências medievais na Europa e América.

Quanto à documentação, ela não é inacessível — em Marília o professor encontrou a “*Monumenta Germaniae Historica*” em microfichas — e pode trabalhar-se sobre micro-reprodução. É certo que se exige para o estudo da Época Medieval o conhecimento do latim, mas no período de formação pode usar-se a tradução ao lado do texto original. O estudioso da História Moderna não deparará com menores dificuldades ante a diversidade das línguas modernas: pensemos nos documentos em eslavão, japonês, chinês etc..

Refere-se à importância da distinção entre Seminários de formação e Seminários de especialização. Os primeiros devem denominar-se apenas aulas práticas, pois a isso correspondem, enquanto os segundos supõem um interesse real e muito sério dos alunos: vocações de medievalistas.

É verdade que o medievalista não se forma em dois anos, mas, em compensação, a especialização é necessária para o ensino. Há que criar condições de especialização, mas que esta só se realize quando e onde houver homens capazes. É perigoso deixar que os lugares sejam ocupados por gente menos formada, pois que ela barra a entrada aos mais competentes, durante muitos anos.

## 5. RESPOSTAS FINAIS

### I — Sobre o Desdobramento das Cadeiras

O relator não acha necessário retomar a argumentação a respeito, mas insiste na necessidade de se conhecer a História Antiga e Medieval para compreender o nosso próprio tempo moderno motivando o seu pensamento com a consideração de que a História é uma só e que a História Antiga e Medieval

traz muito mais esclarecimentos para a humanidade de hoje do que, por exemplo, a Pré-História.

## **II — Sobre a Periodização da História**

Nada a opor.

## **III — Sobre a Especialização em História Antiga e Medieval**

Apenas insiste o relator — respondendo à intervenção da Professora Sônia Aparecida Siqueira — na preparação técnica, pelos exercícios; um mínimo é necessário, mesmo em História Antiga e Medieval.

## **IV — Sobre os Problemas Profissionais e Didáticos**

Acha boa a sugestão do Professor Padre Carlos Weiss de que o Departamento ofereça diversas séries de Seminários. Acentua várias vezes o papel do Departamento de História para se resolverem questões de seriação de História Antiga e Medieval e também a sua dosagem, comparativamente às outras.

## **V — Sobre o Papel da Antropologia e Ciências Sociais**

Aplicando aqui também o princípio do grande papel que o Departamento tem de desempenhar na distribuição dessas matérias, insiste o relator em que se exija do professor de Antropologia um curso adaptado aos estudantes de História e ironiza uma concepção histórica onde haveria confusão nos conceitos de raça e cultura.

## **VI — Sobre Outros Assuntos**

Na ocasião da intervenção do Professor Nilo Garcia, e em acôrdo com êle, rebela-se o relator contra uma concepção que introduzisse uma separação entre as Faculdades: as de “primeira” e as de “segunda” classe.